

PENSAR EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM UMA PERSPECTIVA FREIRIANA

Juciane de Holanda Santos¹

Helisa Maria Canuto Jacinto²

Thaissa Danielle dos Santos Silva³

Sandra Patrícia Lamenha Peixoto⁴

Psicologia



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O arcabouço teórico de Paulo Freire apesar de ser datado em um período anterior ao desenvolvimento da inclusão escolar brasileira, marca na contemporaneidade uma consonância com o real conceito de inclusão. Em seus trabalhos, o autor explicou a importância da educação no processo de transformação da realidade, uma educação diferente da qual continua a ser empregada nas salas de aula, sendo libertadora e não mais opressora, assim, através dela, desenvolve-se a consciência crítica dos sujeitos. O objetivo do presente trabalho consiste em descrever sobre a perspectiva teórica de Paulo Freire em consonância com a inclusão escolar brasileira. A metodologia utilizada neste estudo consistiu em uma pesquisa bibliográfica, pautada na concepção teórica de Paulo Freire e de alguns pesquisadores que fazem menção ao teórico. Com o estudo pode-se perceber a correlação existente na contemporaneidade na teoria freireana com a educação inclusiva. Deste modo, torna-se importante salientar que Paulo Freire apesar de não falar diretamente da inserção de crianças com necessidades educacionais especiais na escola, sua teoria retrata com maestria os aspectos relacionados à inclusão escolar, ao defender o direito de uma educação para todos, onde a conscientização, a autonomia, a liberdade, o diálogo e a igualdade de direitos se façam presentes em todos os aspectos da instituição educacional, pois esta constitui-se como direitos dos cidadãos que fazem parte da dinâmica social.

PALAVRAS-CHAVE

Paulo Freire. Dialogação. Educação. Inclusão Escolar.

ABSTRACT

The theoretical framework of Paulo Freire despite being dated to a period prior to the development of the Brazilian school inclusion, brand nowadays a consonance with the actual concept of inclusion. In his works, the author explained the importance of education in the transformation process of lived reality, a different education which remains is employed in the classroom, and liberating and not oppressive, so through it, develops it critical awareness of the subject. The objective of this study is to describe on the theoretical perspective of Paulo Freire in line with the Brazilian school inclusion. The methodology used in this study consisted of a literature search, based on the theoretical conception of Paulo Freire and some researchers who make mention of the theoretical. With the study can be seen the correlation nowadays in Freire's theory to inclusive education. Thus, it is important to note that Paulo Freire despite not speaking directly of the integration of children with special educational needs at school, his theory portrays masterfully aspects related to school inclusion, to defend the right of education for all, where awareness, autonomy, freedom, dialogue and equal rights to be present in all aspects of the educational institution, as this was established as rights of citizens who are part social dynamics.

KEYWORDS

Paulo Freire. Dialogue. Education. School inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Paulo Freire, filósofo e pedagogo pernambucano, em seus trabalhos, explicou a importância da educação no processo de transformação, uma educação diferente da qual continua a ser é empregada nas salas de aula, sendo libertadora e não mais opressora, assim, por meio dela, desenvolve-se a consciência crítica dos sujeitos, de forma a promover autorreflexão e reflexão sobre o meio de forma a possibilitar que o homem seja capaz de ser sujeito ativo e livre em sua própria realidade, não apenas como mero reprodutor de conteúdos, mas questionador.

Schram e Carvalho (2007, p. 11) afirmam que para Freire “a escola se apresenta como local privilegiado à libertação”, isto porque por meio da produção de debates, discussões e diálogos é que se pode alcançar a compreensão acerca da realidade e assim promover transformações. A sociedade está sempre em processo de mudança, de acordo com novas demandas por ela apresentadas e isto vem a afetar todas as áreas dela, a exemplo tem-se a educação inclusiva. Diante disso, Freire (2006) afirma que apesar do homem presar pela objetividade nas suas relações sociais é necessário que este se compreenda como parte integrante do processo, como um ser que faz parte do mundo, onde as suas necessidades também devem ser acolhidas e respeitadas.

O objetivo do presente trabalho consiste em descrever sobre a perspectiva teórica de Paulo Freire em consonância com a inclusão escolar brasileira. A metodologia desta pesquisa bibliográfica teve como embasamento teórico livros e artigos relacionados ao teórico Paulo Freire e a educação, encontrados por meio de consulta em bancos de dados virtuais como Scielo, Anais de congresso, V Colóquio Internacional Paulo Freire, VII Encontro da associação Brasileira de Pesquisadores em educação Especial.

No entanto, foram utilizados os descritores: Paulo Freire, quem foi Freire, qual a contribuição de Freire para educação, educação, o papel do professor na perspectiva freireana, inclusão, educação inclusiva, práxis libertadora, educação para todos. Diante destes descritores foi possível observar que os pressupostos de Freire estão veementemente presente no conceito de inclusão escolar. Para tanto, os autores utilizados no presente trabalho foram: Costa e Gonçalves-Junior (2008); Costa e Turci (2011); Freire (1987); Freire (1979); Freire (2002); Freire (2001); Freire (2006); Freire (2013); Glat e Nogueira (2003); Lima, Costa e Lima (2013); Mahl e colaboradores (2012); Mantoan (2003); Schram e Carvalho (2007); Silva e outros autores (2005).

Esta revisão de literatura tem o propósito de discorrer sobre a teoria de Paulo Freire, no entanto será apresentada inicialmente uma breve conceituação a respeito de sua contribuição para educação. No momento seguinte abordaremos seus escritos em relação à pedagogia e por fim a importância da sua teoria para inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais na contemporaneidade.

2 AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO

As contribuições do pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire ao contexto educacional trouxeram uma concepção de educação na qual a consciência crítica é fundamental, para que assim as pessoas não se tornem espectadoras ou objetos em sua realidade, mas seres ativos que refletem e agem sobre eles próprios e sobre o meio em que estão inseridos, propondo uma educação que as fizessem refletir sobre si e sobre sua realidade, sobre isto o autor afirma que seu empenho “se fixou na busca desse homem-sujeito que, necessariamente, implicaria em uma sociedade também sujeito” (FREIRE, 2006, p. 44).

Freire (2006) afirma que se faz indispensável e inadiável a ampla conscientização da sociedade brasileira, sendo feita através da educação, de forma a colocá-la em uma posição de autorreflexão e reflexão tanto sobre seu tempo quanto seu espaço. Para o autor, uma educação que promova o desenvolvimento de uma consciência crítica, promove também a liberdade e transformação.

Para Schram e Carvalho (2007, p. 4) em seu trabalho, “Paulo Freire busca a coerência entre razão humana e consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar seu contexto social. Para o que é necessário a formação do homem realmente livre”. Suas colocações sobre a educação como prática libertadora estão explicitadas em suas obras, a exemplo de seus livros *Educação como prática da liberdade* (2006), *Pedagogia do oprimido* (1987), onde Paulo Freire discute a educação como meio de transformação e também de trabalho coletivo, onde quem ensina também

aprende, sendo esta uma troca de conhecimentos, diálogos, que promoverá mudança e libertação e não mais opressão. Sobre isto o autor afirma:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1987, p. 29).

Neste sentido, o autor refere-se à luta pela libertação da opressão, a qual está ligada a uma alienação de saberes, que vem a impedir o homem de ser, passando a apenas a reproduzir o que lhe é passado sem que haja uma reflexão. Dá-se então a importância da consciência crítica a qual é defendida por Freire, porém ele afirmara que nunca pensou de forma ingênua que essa forma de educação libertadora que "respeitasse no homem sua ontológica vocação de ser sujeito, pudesse ser aceita por aquelas forças, cujo interesse básico estava na alienação do homem e da sociedade brasileira" (FREIRE, 2006, p. 44). Ainda hoje, vemos na realidade brasileira tal forma de opressão.

Segundo Schram e Carvalho (2007) Paulo Freire também contribuiu, levando à escola o princípio da relação entre professor e aluno, valorizando o diálogo como uma forma de se obter uma educação democrática, assim minimizando os efeitos da opressão que o autor discorrera. As autoras afirmam que Freire:

Propõe uma educação transformadora, educação para a democracia pela participação de todos, calcada no homem livre, racional, capaz de promover mudanças através do consenso entre grupos e classes sociais, por meio de reformas histórico-culturais, ou seja, no pensar a realidade do trabalho humano como uma obra de cultura, um ato cultural. (SCHRAM; CARVALHO, 2007, p. 5).

Para isto, é necessária a compreensão da cultura como um processo histórico o qual está relacionado ao sujeito. Schram e Carvalho (2007) afirmam que a leitura da realidade das pessoas possibilitará que elas passem da consciência ingênua para uma consciência crítica, sendo a primeira definida por Freire (2006) como uma forma mais simples de compreensão não necessariamente ligada à realidade dos fatos, a crítica, por sua vez, teria um julgamento mais empírico, mais realista. Assim, o autor afirma que é "a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo" (FREIRE, 2006, p. 50). Deste modo, o entendimento da educação não se limita

ao contexto escolar, sendo uma prática importante em toda uma construção desse ser sujeito, que não só é moldado, mas que também molda sua realidade.

Ainda na perspectiva de Freire, a educação deve também diminuir desigualdades sociais. Assim, incluir implica em diminuir desigualdades e, em uma sociedade ainda ligada à educação bancária, aumenta-se a desigualdade. Para Silva outros autores (2005) a escola acaba sendo um espelho da sociedade, sendo assim uma reprodutora e também produtora de novas desigualdades. Desta forma, para Schram e Carvalho (2007) a compreensão da educação como meio de mudança social irá pressupor ver o sujeito não apenas como um depósito a ser preenchido por conteúdos, mas sim como sendo construtor de sua história e como resultado disto, ser então capaz de questionar suas relações com o mundo, ou seja, ser crítico.

3 O ATO DE EDUCAR NA PERSPECTIVA FREIRIANA

Sabe-se, que a educação é um direito de todos, mas apesar disso, ainda há professores que segundo Glat e Nogueira (2003) em sua prática pedagógica diferencia seus alunos como “normais” e “excepcionais”, sendo este último referente à educação inclusiva. Os autores pontuam que isso ocorre devido à falta de capacitação dos professores, para atuar com novas estratégias de aprendizagem no ensino de seus alunos.

A visão de Paulo Freire sobre o educador, como menciona Lima, Costa e Lima (2013) é que este deve exercer a função para qual foi destinado, ou seja, educar e, que este ensino apresente-se sem preconceitos e sem padronizar seus alunos, compreendendo-os em suas particularidades, pois “os educandos são diferentes e vão permanecer diferentes, iguais apenas no consentimento do direito e deveres” (LIMA; COSTA; LIMA, 2013, p. 7), sendo preciso que o professor respeite e valorize essa mistura.

Os autores reconhecem o desafio de ensinar aos alunos com deficiência, porém reconhecem na mesma intensidade a satisfação que o educador sente ao conseguir mudar sua metodologia de trabalho e inserir novas estratégias, fazendo com que aquele determinado aluno aprenda e seja incluído na turma, visto que, segundo Silva outros autores (2005) a escola é um ambiente de construção de conhecimentos e de compartilhamentos de valores, que deve priorizar propostas de trabalho voltadas para a diminuição das desigualdades e para uma postura mais democrática em sociedade. As autoras Scram e Carvalho (2007, p. 3) descrevem que Paulo Freire “expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar”.

Essa nova forma de ensinar é abordada por Paulo Freire (2013) em seu livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, onde ele menciona que o ato de ensinar deve ser livre de manipulação e não pode ser apenas a transmissão de conhecimentos para que o aluno decore tudo o que foi falado pelo educador. Ensinar a aprender para Freire, é quando os educandos sabem a razão pelo qual estão lhe ensinando determinado conteúdo, eles aprendem a partir do momento em que conhecem e visualização a significação do que foi ensinado.

Os professores, da mesma forma, de acordo com Freire (2013) só conseguem ensinar, na medida em que se apropriam do conhecimento que será posto aos educandos, para que transmita com clareza e permita que o aluno obtenha a apropriação daquele conhecimento também. A educação precisa de educadores e educandos curiosos, para que juntos possam ensinar e aprender, visto que, “ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico” (FREIRE, 2013).

A formação do professor, segundo Freire (2002) deve ser permanente, e não pode ser exercida como uma educação bancária, denominado por ele como uma educação a partir de uma perspectiva do formador (professor) e do objeto (aluno), sendo o formador aquele que possui todo o conhecimento e o objeto aquele que apenas recebe os conhecimentos fornecidos pelo formador, respectivamente.

Diante dessa concepção, Freire (1987) critica a educação bancária e defende uma educação libertária, onde educador e educando tomam-se seres críticos e criativos no processo de aprendizagem. No sentido de uma educação mais participativa que valoriza a relação professor-aluno na construção desta consciência crítica, Silva outros autores (2005, p. 9) afirmam que “o educador não pode negar seu dever de reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade e sua insubmissão”; assim, para os autores, cabe ao professor ir além dos conteúdos e promover também o pensamento crítico de seus alunos, e também aprender com eles, já que “não existe ensinar sem aprender” (FREIRE, 2001, p. 259), saindo da perspectiva a qual o educador é visto no papel de detentor do saber de forma autoritária.

4 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O arcabouço teórico de Paulo Freire apesar de ser datado em um período anterior ao desenvolvimento da inclusão escolar brasileira, marca na contemporaneidade uma consonância com o real conceito de inclusão. Sobre isso, Costa e Turci (2011) afirmam que Freire ao propor uma educação dialógica, evidencia em sua prática libertadora uma educação inclusiva, “que não aceita a homogeneização dos educandos frutos do sistema escolar tradicional, subordinado aos interesses do capitalismo neoliberal” (COSTA; TURCI, 2011, p. 3767). Pois, as ideais freireanas ao contrário, defendem uma educação para todos, sem restrições, preconceitos ou discriminação.

Nesta perspectiva, Freire ao dar ênfase a práxis libertadora como processo em constante interlocução com o pensamento crítico e a ação, afirma que:

Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE, 1979, p. 15).

Diante disso, Freire (2006, p. 77) descreve que não há “como se pensar em dialogação com a estrutura do grande domínio, com o tipo de economia que o caracterizava, marcadamente autárquico”. Costa e Gonçalves-Junior (2008) complementam, descrevendo que o fator determinante que acarreta na ineficácia do sistema educacional inclusivo, está relacionado a dogmas autoritários mantidos por alguns professores e/ou gestores da educação. Abarcando assim, uma falta de capacitação profissional, diante das necessidades que tendem a emergir da diversidade populacional que estão se inserindo no contexto escolar.

Para Freire (2006, p. 78):

A distância social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite a dialogação. O clima desta, pelo contrário, é o das áreas abertas. Aquele em que o homem desenvolve o sentido de sua participação na vida comum. A dialogação implica num mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas configurações oferecidas pelo grande domínio.

Em consonância com o aporte teórico freireano Silva outros autores (2005) pontuam que a dialética inclusão-exclusão constitui-se de um processo em transformação, que depende constantemente das relações sociais a qual o indivíduo pertence. Os autores ressaltam que “nesse caso, pode-se fazer um paralelo entre os conceitos freireanos de oprimido e de opressores onde os oprimidos também são, na maioria das vezes, os excluídos em busca de sua inclusão, ou ainda do reconhecimento de sua situação de excluído” (SILVA et al., 2005, p. 3). Mas, “[...] se faz necessário, neste exercício, lembrar que cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão” (FREIRE, 2001, p. 45). O autor defende que o homem deve lutar por seus direitos para que possa adquirir significação na sua liberdade perante os opressores.

Freire (1979, p. 12) afirma que:

O educador, preocupado com o problema do analfabetismo, dirigiu-se sempre às massas que se supunham “fora da história”; a serviço da liberdade, sempre dirigiu-se às massas mais oprimidas, confiando em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica. Os políticos, ao contrário, não se interessavam pelas massas, senão na possibilidade de estas serem manipuladas no jogo eleitoral.

Equivalente também para educação inclusiva, onde Mahl e colaboradores (2012) descreve ser notório que historicamente a dialética relacionada à inclusão, percorra por um terreno complexo, controverso e desigual, “apesar de estar presente

constantemente nos discursos políticos, os quais, em sua maioria, defendem o direito de todos, como acesso e permanência à educação de qualidade no ensino regular” (MAHL et al., 2012, p. 158-159). No entanto, Freire (2006, p. 78) reafirma a importância da dialogação ao mencionar que “não há autogoverno sem dialogação, daí ter sido entre nós desconhecido o autogoverno ou dele termos raras manifestações”. Para o autor é por meio do processo de criação, recriação e decisão perante seus próprios desafios, que o homem se torna parte integrante do seu processo histórico, capaz de exercer sua própria liberdade.

Não houvesse esta integração, que é uma nota de suas relações, e que se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica, fosse ele apenas um ser de acomodação ou do ajustamento, e a História e a Cultura, domínios exclusivamente seus, não teriam sentido. E é por isso que, minimizando e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhes sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora (FREIRE, 2006, p. 50).

Para Freire a conscientização viabiliza transformações que se tornam explícitas com a inversão da lógica da exclusão em detrimento da construção de uma educação integral, marcada por uma integração na qual é importante considerar a pluralidade existente “nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. E que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto” (FREIRE, 2006, p. 47-48), mas deve estar em conformidade com o desafio que pudera ser identificado inicialmente. Para tanto, faz-se necessário pontuar que na perspectiva conceitual da inclusão escolar o termo integração consiste em algo com significação diferente da forma como fora utilizada por Freire.

Sobre isso, Costa e Gonçalves-Junior (2008) pontuam que a integração na escola consiste em um problema que não serve para o modelo de educação inclusiva, pois só é possível integrar aqueles que conseguem se adaptar ao ambiente, ao sistema, sem que haja uma modificação da sociedade perante as necessidades pessoais. Porém, na perspectiva freireana o conceito de integração está eminentemente interligado ao que se concebe por inclusão educacional. Diante disto, Freire (2006) afirma que o homem é o ser da integração. “A sua luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado” (FREIRE, 2006, p. 51). O autor ressalva ainda que é por meio da sua luta por humanização que o homem consegue exercer sua liberdade que se encontra constantemente ameaçada pela opressão que o esmaga.

Nesta perspectiva Mantoan (2003, p. 32) ressalta que:

A inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que por sua vez, abala

a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais.

Freire (2006, p. 94-95) propõe um modelo de educação na qual objetiva-se

[...] conseguir o desenvolvimento econômico como suporte da democracia, de que resultasse a supressão do poder desumano de opressão das classes muito ricas sobre as muito pobres. E de coincidir o desenvolvimento com um projeto autônomo da nação brasileira.

Já que, como coloca Costa e Turci (2011) ao segregar os alunos especiais do convívio dos outros alunos, priva-se estes do contato social, estigmatizando-os, tornando-os seres incapazes de exercer sua autonomia com dignidade. Isto por sua vez, vai contra os princípios que defendem o direito a educação a todos sem nenhuma distinção.

Para Silva outros autores (2005, p. 06) a educação inclusiva na perspectiva de uma educação para todos de Paulo Freire demonstra que:

Atuar a partir de uma práxis libertadora deve significar interagir com vários enunciados sociais, pois atribuir o sucesso escolar somente à prática pedagógica dos educadores, ignorando o sistema em que estamos inseridos, é simplificar por demais a análise do problema, e desconsiderar uma série de outras variáveis de ordem institucional, sistêmica, política e mesmo pessoal, que igualmente contribuem para que o quadro das exclusões se agrave.

Diante disso, pode-se dizer que apesar de não falar diretamente da inserção de crianças com necessidades educacionais especiais na escola, a teoria Freireana trata com maestria dos aspectos relacionados à inclusão escolar ao retratar o direito da uma educação para todos, onde a conscientização, a autonomia, a liberdade, o diálogo e a igualdade de direitos estejam presentes em todos os aspectos da instituição educacional, pois constituem-se como direitos dos cidadãos. Para tanto é imprescindível romper com as amarras da exclusão ainda tão veemente presente no contexto escolar. Silva outros autores (2005) ressaltam que é preciso se desfazer a obviedade do pronto e acabado na educação, para que se possa construir uma nova leitura de mundo diante das necessidades que se apresentam no contexto social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire prega uma educação a qual pretende conscientizar o homem, para que não seja alienada, reproduzidor de crenças e conhecimentos sem que antes tenha re-

fletido sobre elas de modo a ser capaz de fazer seu próprio julgamento, se é bom ou ruim, ou seja, dando a autonomia necessária para que o sujeito possa ser escritor e participante de sua própria realidade, não apenas sendo moldado por ela, mas também a moldando.

Apesar de Paulo Freire não ter trabalhado em sua teoria a educação inclusiva, percebe-se a importante contribuição de sua obra para esta temática, pois aborda o ensinar de modo dialógico, transformador e crítico, de forma que os educadores em sua formação desenvolvam métodos e estratégias que possibilitem uma educação para todos.

Seu livro sobre a *Pedagogia do Oprimido* permite uma direta interlocução com os alunos da educação inclusiva, visto que, em sala de aula, encontram-se excluídos. A escola por sua vez, pode favorecer ou não para este ambiente opressor, pois as pessoas carregam valores e crenças particulares que interferem na educação.

O professor, nesse meio, deve agir de forma assertiva, não fazendo uso em sua atuação da educação bancária, pois para que estes alunos sejam incluídos nesse ambiente, é necessário professores que atuem em prol da conscientização, desenvolvendo nesse aluno o ato de pensar e sem demonstrar uma postura de detentor de todo o saber.

REFERÊNCIAS

COSTA, V.B.; GONÇALVES-JUNIOR, L. **Inclusão, educação e diversidade: múltiplos olhares**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621_435.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

COSTA, M.P.R.; TURCI, P.C. Inclusão escolar na perspectiva da educação para todos de Paulo Freire. **VII encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial**. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/politicas/346-2011.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Alfabetização e conscientização. In: **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. p.15-27.

FREIRE, P. **Política e educação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. Sociedade fechada e inexperiente democrática. In: **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006, pp. 73-91.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M.L.L. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil**. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/1647/1055>>. Acesso em: 13 set. 2016.

LIMA, M.J.D.; COSTA, M.A.C.; LIMA, V.Y.S. **Diversidade, inclusão e Paulo Freire**: Discussões e reflexões iniciais na educação. Disponível: <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/view/311/443>>. Acesso em: 12 set. 2016.

MAHL, E. *et al.* Desafios e ações para a efetiva inclusão educacional: algumas considerações. **Revista Exitus**, Pará, v.2, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/52/52>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

SCHRAM, S.C.; CARVALHO, M.A.B. **O pensar educação em Paulo Freire**: para uma pedagogia de mudanças. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SILVA, A.P. *et al.* **Paulo Freire** – Pedagogia da diversidade? 2005. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/paulo_freire_pedagogia_diversidade.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

Data do recebimento: 6 de setembro de 2017

Data da avaliação: 20 de setembro de 2017

Data de aceite: 3 de Outubro de 2017

1 Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes- UNIT/AL.

E-mail: juciane_holanda@hotmail.com

2 Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes- UNIT/AL.

E-mail: helisa_canuto@hotmail.com

3 Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes- UNIT/AL.

E-mail: thaissasantos_@hotmail.com

4 Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.. E-mail: sandra.lamenha@gmail.com